

JUVENTUDE RURAL AMAZÔNICA E EDUCAÇÃO NO CAMPO

Kezia Vieira de Sousa Farias, UNIFESSPA, vieirakezia@hotmail.com
Leticia Costa Silva, UNIFESSPA, leticia_200914@hotmail.com

Eixo VIII: Educação, Movimento Social e Estudantil: formação políticopedagógico em ambientes não escolares.

Neste trabalho há o objetivo de promover uma breve discussão sobre invizibilização dos jovens rurais amazônicos na educação formal urbana e nesse sentido destacar a importância da educação do campo para esses jovens, que proporciona uma educação contextualizada com a realidade social desses jovens. A colonização da região amazônica promovida pelo governo militar, principalmente a partir dos anos 1970, reproduziu uma colonização aos moldes da colonização do continente Americano realizada pelos europeus, da imposição do padrão mundial econômico capitalista e do modelo de sociedade europeia. As populações tradicionais que já habitavam a região e os trabalhadores que para ela se dirigiram em busca de terras, sofrendo e ainda sofrem com a determinação desse padrão europeu e norte-americano de sociedade pelo próprio governo, sendo suas práticas, saberes e modos de vida silenciados. Especialmente nos dias atuais, através do fenômeno da globalização que serve como uma ferramenta nesse processo de dominação e homogeneização, contribuindo para o aumento do abandono da terra pelas juventudes da região, devido a falta de políticas públicas eficientes para a efetivação de um trabalho digno na terra. Os jovens situados no espaço rural da região, atraídos pelas benesses da sociedade urbana moderna, acabam por abandonar a vida no campo em busca de se livrar do estigma do “jovem rural atrasado”. Principalmente através da educação, pois vêm na escola urbana, pela importância dada ao conhecimento científico ocidental, a possibilidade de ascenderem social e economicamente. No entanto, a educação formal urbana, voltada para a classe hegemônica é descontextualizada de suas práticas culturais, acontecendo até mesmo um processo de repressão da sua identidade. A metodologia deste trabalho ocorreu através de revisão bibliográficas, com autores como: Gramsci (2004), que critica à disseminação das escolas técnicas e especializadas; Freire (1979), que discute sobre sua proposta de educação libertadora, no sentido de entender a realidade social, o contexto dos sujeitos, para assim promover uma educação não-classista, educação com um caráter político; Arroyo (2003), que tomando como base a pedagogia freireana, expõe a influência dos movimentos sociais na educação, bem como os avanços e conquistas promovidas pela pressão de movimentos sociais, principalmente na conquista da educação no campo. Dentre outros de suma importância para o desenvolvimento das discussões propostas. Portanto, as juventudes amazônicas do campo frequentemente estigmatizadas, vivem muitas vezes em processos de crise com sua identidade cultural, principalmente na escola, onde deveria ser um espaço de formação e acolhimento desses jovens e sua pluralidade cultural. No entanto, ainda age como espaço discriminatório e excludente, como ferramenta de disseminação dos interesses da classe hegemônica. Por isso, a importância da Educação do Campo, nascida principalmente da reivindicação dos movimentos sociais, como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), para uma educação voltada para a realidade do campo, não com objetivo apenas de uma educação escolar formal, mas também atuando nas dimensões: política, cultural, econômica e social, de um projeto emancipativo e reivindicativo de sociedade do campo, de uma educação humanista (GRAMSCI, 2004). Assim como, a importância da relação universidade-movimentos sociais, no sentido também de incorporar e incluir práticas socioeducativas e contra hegemônicas nos processos de ensino-aprendizagem e pesquisas feitas na academia.